

Michelle Holman

DO CÉU, COM AMOR

Tradução
Rita Figueiredo

*Quinta Essência**

1

Lisa Jackson morreu numa noite quente de março, num acidente de viação entre dois carros mesmo em frente à sua casa.

O dia tinha começado mal, com uma visita à ginecologista, a Dra. Janice Millar, que lhe dera a notícia que há anos temia receber: a sua endometriose tinha finalmente vencido a medicina. Todos os medicamentos, todos os dolorosos e humilhantes procedimentos médicos de sucção e raspagem não tinham feito a menor diferença. As paredes do seu útero continuavam a degradar-se todos os meses, a desaparecer para sítios onde não tinham o direito de estar, deixando Lisa a contorcer-se de dores e a ser mantida prisioneira por uma pequena quantidade de fluido que todas as outras mulheres expeliam durante a menstruação sem sentirem mais do que uma incómoda dor de barriga e o desejo de comer chocolate.

A Lisa restava apenas uma histerectomia.

O reflexo na estrada era demasiado intenso para um fim de tarde de outono na Nova Zelândia; era quase impossível ver através do para-brisas, quanto mais manter-se atenta ao carro da frente. Lisa conduzia devagar, semicerrando os olhos contra o brilho intenso, tentando ver a linha branca ao centro da estrada. Ao parar à entrada da última rotunda antes da sua casa, olhou para a direita para ver se vinham carros. Um descapotável azul conduzido por uma mulher com cabelo negro e comprido a esvoa-

çar atrás de si pareceu-lhe suficientemente distante para avançar, portanto, carregou no acelerador e virou à esquerda, para a estrada que contornava a ilha de betão coberta de flores no centro da rotunda.

Lisa não chegou a ver o carro azul a acelerar subitamente. Sobressaltou-se ao ouvir o som de outro carro a derrapar enquanto o condutor travava a fundo para evitar chocar com o descapotável que não lhe tinha dado prioridade. Ouviu travões a chiarem e o som estridente de buzinas e, quando olhou para a direita, Lisa viu o carro azul a avançar descontrolado na sua direção, uma fração de segundo antes de colidir com a porta do seu carro.

A violência do impacto e o som chocante do metal a ser amolgado e vidro a estilhaçar-se fizeram-na gritar. A porta do seu velho *Mazda* dobrou-se para dentro. Estilhaços de metal cravaram-se no lado direito do corpo de Lisa e rasgaram-lhe a carne.

Parou de gritar.



Lisa abriu os olhos, alarmada, e olhou freneticamente em volta, à procura do carro azul e com um nó na garganta que não a deixava respirar.

Para onde teria ido? Estava mesmo em cima dela, tão próximo que conseguia ver o rosto da mulher que ia a conduzir e do homem ao seu lado.

Lisa franziu as sobrancelhas. Onde estava a estrada? Onde estava o candeeiro na direção do qual estava a avançar? E onde estava o brilho intenso do fim de tarde que se refletia na estrada e a ofuscava?

Onde raio estava ela?

Soltou um gemido. Tinha um pressentimento muito mau em relação a isto. Certamente não tinha...? Não devia haver uma luz intensa ao fundo de um túnel muito longo e vozes a dizerem-lhe para seguir a luz?

Lisa percebeu que estava deitada no que parecia ser uma cadeira reclinável muito macia e pensou que nunca se tinha sentido

tão confortável em toda a sua vida. De facto, se tirasse um momento para se acalmar, sentir-se-ia quente, segura e protegida.

– Graças a Deus! – murmurou aliviada. Por um momento, pensara que tinha morrido.

– Não usamos essa palavra aqui, querida – disse uma voz feminina com um tom agradável.

Saltando como um gato escaldado, Lisa virou a cabeça na direção de onde vinha a voz. Uma mulher de meia-idade, com o cabelo louro num penteado estilo *bouffant* a fazer lembrar um capacete e decorado com um laço cor de rosa, estava sentada ao seu lado, exibindo um sorriso complacente. Tinha os lábios pintados de cor de rosa nacarado e uma *écharpe* elegantemente amarrada em volta do pescoço. O crachá cor de rosa preso à sua túnica branca dizia *Moira*. Parecia estar sentada, mas Lisa não via nenhuma cadeira. Na verdade, não parecia haver nada por baixo de Moira, que estava sentada com os joelhos decorosamente juntos e as mãos unidas e pousadas no colo.

Lisa pensou que ela parecia uma hospedeira de bordo. Tanto ela como a irmã, Sherry, estavam convencidas de que as únicas pessoas que usavam *écharpes* eram as hospedeiras de bordo, as empregadas de caixa dos bancos, as empregadas de caixa dos supermercados e, claro, as estrelas porno, embora não conseguisse perceber que utilidade tinha uma *écharpe* para uma pessoa que estava completamente nua a executar atos sexuais gratuitos em frente a uma câmara. Ela e Sherry tinham chegado a esta conclusão depois de uma despedida de solteira, quando uma das convidadas decidiu estupidamente que o que era bom para os rapazes também devia ser bom para as raparigas. Estavam tão entediadas que inventaram a teoria da *écharpe* só para animar as coisas.

Moira não parecia, de todo, uma estrela porno.

– Não nos importamos com expressões como «céus» ou, se tiver mesmo de ser, *deuses*, mas lamento informar-te que consideramos o uso blasfemo do nome d’Ele muito perturbador e desaconselhamos vivamente que o faças – explicou Moira.

Lisa fitou-a. De que raio estaria aquela mulher a falar?

– Eu ouvi isso – disse Moira com um tom reprovisor.

Lisa piscou os olhos.

– Onde raio estou eu? Que sítio é este?

Moira sorriu placidamente.

– Não é, certamente, na Terra, querida.

Completamente perturbada, Lisa olhou em volta, desconfiada, à procura dos outros prisioneiros. Parecia estar numa espécie de sala, mas não via paredes nem janelas. A luz era suave e, embora tivesse a impressão de haver muita gente a entrar e sair, não conseguia ver ninguém para além de Moira, que continuava pacientemente sentada ao seu lado, em cima de *absolutamente nada*.

Lisa levantou-se de um salto e franziu as sobrancelhas, confusa. Sentia-se diferente. Não, sentia-se *estranha*. O seu corpo pareceu simplesmente flutuar para a nova posição, sem a habitual movimentação de músculos e ossos para atingir esse fim. O seu coração voltou a bater com força, ou pelo menos era o que devia ter feito, mas, quando levou a mão ao peito, não conseguiu sentir nada – nenhuma vibração, nenhum baque reconfortante.

– Onde estou? – perguntou timidamente.

Moira pousou-lhe uma mão no braço e murmurou com uma voz calmante:

– Estás em segurança. Isso é o mais importante: estás em segurança.

Lisa não estava convencida.

– Onde estão a minha mãe e o meu pai? Vão ficar preocupados comigo! Eles sabem que estou aqui? – perguntou com os olhos a encherem-se de lágrimas. Havia ali algo de muito errado e Lisa estava apavorada. Pela primeira vez em vários anos, precisava dos pais para a fazerem sentir-se segura.

Moira acariciou-lhe o braço com um toque tão suave como penugem. Lisa sentiu um arrepio. Puxou bruscamente o cotovelo para junto do tronco, de modo a evitar a mulher.

– Eles só virão muito mais tarde, Lisa – disse Moira, tentando acalmá-la e ignorando o seu afastamento. – Mas há outras pessoas a caminho para te levarem; pessoas que tu conheces.

Lisa decidiu que talvez Moira não fosse boa da cabeça.

Moira estava a mostrar-se profundamente ofendida quando um homem alto e corpulento, de calças e túnica brancas apareceu ao lado delas. Tinha cabelo acobreado, olhos azuis brilhantes e estava a trautear a música «Stairway to Heaven». O seu crachá de identificação dizia *George*. Sorriu para Lisa quando a viu e perguntou com um sotaque londrino:

– Tudo bem, Lisa?

Lisa fitou-o, com uma expressão indefesa, e perguntou-se se ia comportar-se de forma tão estranha como Moira. Ficou surpreendida ao ver George rir-se e piscar-lhe o olho. Virando-se para Moira, baixou a voz e disse:

– A outra vai chegar dentro de momentos.

– Sim – respondeu Moira franzindo o sobrolho. – Acabo de ouvir. Mas não posso entregar a Lisa até chegar alguém para a recolher. É contra as regras.

A expressão cintilante de George desvaneceu-se momentaneamente.

– Não podemos simplesmente deixá-la a flutuar aqui – disse ele. – Ouve... estás a ouvir este barulho? É a outra. E não vem calada.

Lisa estava a ouvir descaradamente. George dissera realmente que não podiam deixá-la a *flutuar* ali?

O som de uma voz feminina a protestar ruidosamente fraturou a atmosfera calma e suave. Várias figuras de branco estavam a tentar persuadir gentilmente alguém a passar por ela. Perturbada, Lisa percebeu que não conseguia ver onde estava a pôr os pés. Viu uma pessoa de longos cabelos negros por um espaço estreito entre as pessoas vestidas de branco, uma mulher que estava a debater-se furiosamente.

– Eu não devia estar aqui! – gritou a mulher com um forte sotaque americano. – Tirem as mãos de cima de mim *já!* – Houve uma pausa. – Como fizeste isso? – exigiu saber com a voz trémula. – Sinto-te a tocar-me, mas não vejo as tuas mãos! Quem *são* vocês?

Lisa sentiu-se aliviada ao perceber que mais alguém estava tão assustada com aquele lugar como ela. Esticou o pescoço,

tentando ver melhor a mulher que fazia todo aquele barulho. Era alta e elegante e usava uma blusa de alças lilás e calças pretas de seda. As figuras de branco agitaram-se à sua volta, alternadamente a tentar acalmá-la e persuadi-la. Lisa viu que um deles tinha no colo um bebé com uns grandes olhos castanhos. Este estava a observar tudo com uma expressão curiosa, aparentemente nada incomodado com o barulho.

– Não podem levar a criança daqui? – perguntou a americana, furiosa.

– Não, Linda – respondeu uma voz calma. – Ele veio consigo.

– Veio comigo? Como é isso possível? Nunca o vi em toda a minha vida!

Lisa pensou notar um tom de histeria na voz dela.

Quando o grupo que rodeava a mulher se afastou, Lisa viu-a claramente pela primeira vez e respirou fundo. Era a mulher que conduzia o descapotável azul. Era extraordinariamente bonita, com uma pele branca perfeita, cabelos longos e brilhantes e uns grandes e cintilantes olhos azuis.

Lisa agarrou George e apontou.

– Ela... Ela chocou comigo! – engoliu em seco. – No carro dela!

George deu-lhe uma palmadinha no ombro.

– Não te preocupes, Lisa. Ela vai-se embora não tarda.

Moira fez um som de reprovação.

– Oh, céus, isto é muito irregular. Vou descobrir onde estão os avós da Lisa.

E desapareceu.

Lisa soltou uma exclamação de espanto. Moira tinha desaparecido – havia-se literalmente evaporado. E do que estaria ela a falar? Os seus *avós*?

Todos os seus avós já tinham morrido. Fitou George, assustada.

Ele pareceu aborrecido e murmurou qualquer coisa como «Estúpida» entredentes, antes de estender a mão para voltar a dar-lhe palmadinhas reconfortantes no ombro.

– Pronto, pronto, não te enerves.

Começou a guiá-la para longe da mulher e do grupo de pessoas que a rodeava. Lisa não deu por que estivesse a caminhar, mas percebeu que estava a deslocar-se, literalmente a *flutuar* com ele. Se não estivesse tão cheia de medo, teria sido uma experiência fantástica. Sentiu-se melhor quando deixaram o ruído para trás; George fazia-a sentir-se segura.

– É melhor tentares não pensar na tua piada das *écharpes* – aconselhou ele com um sorriso.

Lisa ficou boquiaberta.

– Qual piada das *écharpes*?

Ainda a sorrir, ele observou-a pelo canto do olho.

– Acho que sabes a que me refiro, a piada que inventaste com a Sherry.

– Mas... como sabes *tu* isso?

E como sabia ele que ela tinha uma irmã chamada Sherry? Aliás, como sabiam ele e Moira que o seu nome era Lisa?

– Ouvi-te – respondeu George como se ela tivesse feito a pergunta em voz alta. – Dá-te por contente por a Moira até agora não ter feito o mesmo. Ela costuma estar mais atenta às blasfémias e palavrões, mas isso não significa que não acabe por ouvir o que pensas da *écharpe* dela se não tiveres cuidado. Queres que eu te conte uma piada? – perguntou ele com os olhos novamente a brilhar.

Lisa deu uma gargalhada um pouco histérica.

– *Okay*.

– Linda menina – respondeu ele em tom de aprovação. – O meu cão não tem nariz.

Ela fitou-o, estupefacta.

– Como cheira ele?

– Muito mal. – George inclinou a cabeça para trás, soltando uma gargalhada ruidosa.

Lisa deu uma gargalhada aguda.

George voltou a tentar.

– Já ouviste falar de um cavalo de corrida chamado *Tapete Poirento*?

– Ahm... não, acho que não.

– Nunca foi batido.

Mais uma vez, soltou uma gargalhada ruidosa.

Lisa soltou uma gargalhada esganiçada.

– George?

– Sim?

Virou-se para ele e voltou a maravilhar-se com a forma como o seu corpo parecia tão em paz, obedecendo sem esforço aos seus desejos.

– Estou morta, George? – perguntou. – Isto é o céu?

Ele hesitou.

– Desculpa, amiga, mas há regras que ditam o que posso dizer-te. – Fez uma pausa. – E *posso* dizer-te que isto não é o céu. É uma espécie de sala de espera.

Ela fitou-o, esperançada.

– Então não estou morta?

Ele suspirou e abanou a cabeça.

– Não posso responder.

Lisa fitou-o, sentindo-se progressivamente mais frustrada.

– És um anjo?

Os olhos dele começaram a brilhar novamente, como se estivesse a divertir-se.

– Não. Não estou aqui há tempo suficiente. Estou... Digamos que estou em formação.

Lisa caiu-lhe em cima.

– Ah! Então estás a receber formação para seres um anjo?

– Não *existem* anjos, Lisa... Bem, pelo menos não aqueles a que te referes.

Lisa tinha a certeza que por esta altura já devia estar com uma violenta dor de cabeça, mas nunca se havia sentido tão lúcida e tão confusa.

Olhou George com desconfiança quando ele começou a murmurar para si mesmo a música «I'm an Angel in Paradise». Só ela para apanhar o único anjo, ou lá o que era, que contava piadas foleiras e trauteava músicas. Ao fim de algumas estrofes, mudou para «Heaven on the Seventh Floor».

Moira apareceu subitamente, fazendo Lisa sobressaltar-se. Jesus Cristo!

A mulher saltou como um boneco de mola.

– Eu ouvi isso – disse Moira antes de se voltar para George.
– Podemos falar em privado, George? – perguntou bruscamente, com os lábios rosados de Cupido comprimidos como um esfíncter. Lisa tinha a sensação de que Moira não era fã das salgadinhas de George.

– Decidiu-se que uma delas vai voltar – informou Moira em voz baixa.

– Qual delas? – perguntou George sem fazer o menor esforço para baixar o tom de voz. Lisa desconfiou que era para se certificar de que ela o ouvia.

– Fala mais baixo! – sibilou Moira. – Acho que vai ser *a outra*.

– Ela? – exclamou George, incrédulo. – Já vi a vida que levava. Porque haveria de ter uma segunda oportunidade? Transformou a vida do seu pobre marido num inferno.

Moira endireitou-se.

– Não nos cabe a nós decidir – respondeu friamente. – Eu sei que és novo aqui, mas tens de compreender que há regras que têm de ser seguidas.

– Regras – resmungou George. – É errado dar uma segunda oportunidade à má da história enquanto a boa fica para trás.

– Isso não te diz respeito – insistiu Moira. – Ficas com a Lisa até nos ser comunicada a decisão e depois acompanhas de volta a que tiver sido escolhida.

Moira voltou a desaparecer.

Lisa fitou George, ansiosa. Não lhe agradava o que acabava de ouvir. Quando abriu a boca para o interrogar, ele limitou-se a abanar a cabeça e começou a contar mais algumas das suas piadas foleiras.

– Ficas bem se eu te deixar por um minuto? Volto já – disse ele ao fim de um momento.

Lisa olhou em volta, mas não conseguiu ver ninguém que pudesse tê-lo chamado. Encolheu os ombros.

– *Okay*.

Ele desapareceu.

Lisa estava admirada com o quanto se sentia calma. Não sabia onde estava, nem o que lhe tinha acontecido depois de o carro azul ter colidido com o seu, e estava rodeada de pessoas vestidas de branco que conseguiam desaparecer e ler pensamentos. Lisa temia que a sua família estivesse preocupada com ela, mas, à exceção disso, percebeu que não tinha vontade de sair de perto de George e das suas piadas.

Quando ele regressou, tinha no rosto uma expressão pensativa. Lisa esperou enquanto ele permanecia em silêncio ao seu lado. Finalmente, ele disse:

– Às vezes é preciso infringir as regras.

– O que queres dizer com isso? – perguntou ela, desconfiada.

– George, não vais fazer nada que te arranje problemas com a Moira, pois não?

Ele sorriu.

– Não há muito que ela possa fazer para me impedir, pois não? – George encostou delicadamente a sua mão robusta ao fundo das costas de Lisa e começou a trautear em surdina a música «Heaven Must Be Missing an Angel».

Lisa abanou a cabeça, confusa.

Começaram a afastar-se da luz calma e suave em direção a uma luz mais intensa que emitia um ruído. Lisa sentiu-se involuntariamente relutante em deixar para trás aquele oásis de paz.

– Para onde vamos? – perguntou.

– Para o sítio onde devias estar – respondeu George com um sorriso reconfortante. – Fecha os olhos, Lisa, querida, fecha os olhos...

Estava a flutuar novamente, por um longo corredor, desta vez no sentido oposto, em direção a todas as pessoas cuja presença sentia à sua volta, mas que não conseguia ver. Depois, saiu subitamente para o meio das luzes fortes e do barulho e viu a sua irmã. Sherry estava de pé no meio de um corredor, com o uniforme de polícia vestido, a discutir com outro polícia que Lisa reconheceu como Dillon Taylor, o seu namorado antes de a endometriose se ter apoderar da sua vida.

Sherry parecia simultaneamente furiosa e desesperada. O belo rosto de Dillon tinha uma expressão contraída, semelhante a uma

máscara, típica de alguém em estado de choque profundo, prestes a perder o autocontrolo. Agarrava Sherry com força pelos braços, a dizer-lhe repetidamente que não podia entrar ali.

Lisa estendeu a mão para tocar em Sherry quando ela passou, mas não conseguiu parar; as pontas dos seus dedos tocaram ao de leve no antebraço da irmã, mas Sherry não a sentiu.

– Sherry! – gritou Lisa. – Sherry!

Sherry parou de se debater e virou-se bruscamente para Lisa, com uma expressão confusa no seu belo rosto. Parecia assustada.

– Ouviste isto? – perguntou bruscamente, olhando para Dillon.
– Parecia a voz da Lisa! Ouviste-a?

Lisa abriu a boca para voltar a tentar, mas subitamente uma força intensa pareceu levantá-la e puxá-la a grande velocidade para a porta dupla que havia atrás de Sherry e Dillon. Gritou, convencida de que ia chocar com a porta, mas de repente deu consigo do outro lado. Um grupo de pessoas de macacão azul estava reunido em volta de um corpo numa maca. Sacos e contentores plásticos com líquidos estavam suspensos em suportes presos à cama. Vários monitores apitavam e acendiam luzes. Uma mulher com um pesado avental azul puxava o que parecia uma máquina de raio X por uma porta no outro lado da sala.

Lisa estava a ser puxada para a cama.

Cada vez mais depressa.

Ia colidir com as pessoas! Levantou os braços e tapou a cara.



Lisa não conseguia respirar. Tinha algo na garganta que estava a sufocá-la. Tentou levantar as mãos e levá-las à boca, mas algo parecia estar a puxá-las para baixo. Alguém lhe tinha amarrado os braços! Sentia algo preso em volta dos seus antebraços, a puxá-los para baixo, quando tentou levantá-los. Era impossível agarrar o que tinha na boca e que a impedia de gritar por socorro. Na sua mente, gritou por George, mas a sua presença quente e reconfortante tinha desaparecido.